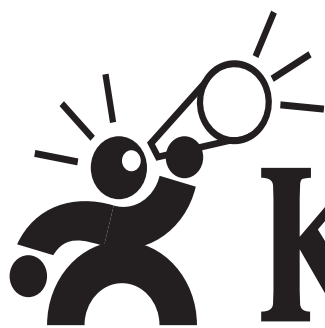




קול השומר KOL HASHOMER

Número 5 Ano 2

Outono 2000

Editorial

Yoni Wapinsku
Beyajad, México

Sem dúvida alguma, ter sido membro ativo da tnuá por 11 anos, ter feito Shnat Achshara, ter ido às machanot, ter visto meus chanichim virarem madrichim, sem dúvida alguma, não foi suficiente. Faz 2 meses decidi que queria participar de outra maneira na Tnuá. Ainda me considero boguer (o uso do termo ex-boguer sempre me pareceu conflictivo) mas agora, minha missão pessoal é seguir na tnuá, participando de maneira externa, com outro marco de responsabilidade e compromisso distinto do de um boguer. O fato de eu ter passado por este ciclo me ajudou a adquirir madurez e experiência, que poderei utilizar nesta outra etapa de “pós-bagrut”. Explico minha situação mas a fundo.

Tenho 21 anos, vivo em Monterrey, cidade onde a kehilá conta com aproximadamente 500 membros. Para os que conhecem esta situação ou vivem em kehillot pequenas, sabem perfeitamente que isso tem suas vantagens e desvantagens. Uma das maiores desvantagens é no aspecto de convivência social, pois as opções são bastante limitadas. Apesar disso, se aprende a conviver e adaptar-se com os poucos jovens que estão dentro do seu grupo de idade; também se trata de se involucrar nas atividades sociais deste grupo.

Quando havia recém entrado na tnuá como chanich, este conceito de convivência social era real, porque éramos todos da mesma idade e com interesses sociais em comum. Cabe aclarar que éramos crianças, e que logicamente estes interesses iam

mudar.

Já quando viramos bogrim, minha kvutzá começou seu processo de desintegração até o ponto que ficamos só 2 pessoas (de 10-11). Durante minha etapa como boguer na Tnuá, me integrei a outros grupos, mas isso se devia mais que nada a minha afinidade ideológica que a minha motivação social. É sabido por todos que o primeiro contato de alguém com a tnuá se dá dentro de um marco social, e que depois vem o ideológico. Comigo também foi assim, mas conforme passaram os anos, meu círculo social dentro da tnuá foi ficando cada vez menor e menor. E de certa forma este processo se dá em muitas tnuot, desgraciadamente parece ser uma lei de Murphy: “Quanto maior a idade, menor fica tua kvutzá.”

Quero recalcar que minha situação não é única, senão ao contrário, me atrevo a dizer que isso tem sucedido a muitos jóvenes aquí em Monterrey. Mas com a diferença de que muitos deles optaram por sair da Tnuá, talvez porque a motivação ideológica não foi suficientemente forte, ou pela razão X ou Y.

Minha grande pergunta é a seguinte: Segue havendo lugar para jóvenes como eu que querem seguir aportando a Tnuá? De que maneira posso me involucrar, tomando em conta minha situação tão diferente da de um jovem de 15 que está por tornar-se madrich?

Tenho encontrado a resposta parcial a estas perguntas com minha participação na realização desta revista, por isso me comprometo nos próximos meses com a edição de esta. Espero contribuir para elevar seu conteúdo, extender sua difusão e para manter viva a voz do Shomer no mundo.

Chazak Ve'Ematz.



Aliá e algo mais

F. Michel Telias
Boguer Alia, Uruguay

Queridos Chanichim, Bogrim e Madrichim, companheiros:

Em pouco tempo vou cumprir um mês em Israel. E certamente, a Realização Sionista é cumprir um sonho mas que nem sempre é um ideal. Ao chegar a Israel, passei maus momentos. Sim, maus momentos. Mas tudo por causa de problemas de papéis, que aplacaram um pouco a euforia do momento. Mas a alegría não, essa é inaplacável. Voltar a Medinat Israel, e encontrar-la distinta de como a deixei somente três meses e meio antes foi também um choque, mas no bom sentido da expressão. Na minha aliá tenho passado por momentos muito bons e momentos não tão “gratos”: problemas no aeroporto com minha documentação, seguido pelos mesmos problemas no Ministério de Absorção, fiz uma prova de matemática muito difícil para mim, e frente uma forte tensão e acabei faltando. Mas de alguma maneira

Contenido

Editorial	1
Aliá e algo mais	1
Agada... uma lenda	3
Kenes Hanhagot 2000	4
Quando eu deixar	5
A realidade dos povos	5
Se nós pensarmos	6
Golpe de Estado	6
Cliché e a arte da cinematografia enxaguada	7

Kol Hashomer

Coordenador Geral:

Aizik Berner

Desenho Editorial:

Moises Kirsch

Tradutores:

Charles E. Diesendruck

Ilana Winer

Vivian Zins

Colaboradores:

Mayaan Feldman

Miriam Alboukrek

Daniel Negrete

Yaffa Negrete

Renato Huarte

F. Michel Telias

Florencia

Você pode enviar seus textos e reportagens, assim como comentários ao endereço eletrônico seguinte:

kolhashomer@beyajad.com

<http://latino.hashomer.org>

Kol Hashomer é uma publicação bimestral da Histadrut Hashomer Hatzair latino-americana. Todos os direitos reservados. O conteúdo dos artigos é de total responsabilidade dos autores dos mesmos. O conteúdo dos artigos pode ser reproduzido total ou parcialmente citando a fonte, mas deve ser avisado aos editores quando assim se faça.

Kol Hashomer, Monterrey N.L. México. Noviembre do 2000.



as coisas começam a ajeitar-se, o problema dos documentos já está encaminhado, em Technion (Haifa) onde faltei na prova, me deram uma segunda oportunidade que foi ontem, quinta 25 (só vou saber os resultados no próximo domingo) e o mais importante é que já me encontrei com Dario e com Ety e já está programado que assim que as coisas estejam ordenadas vou a dar uma volta em um fim de semana em Nir Itzhak, onde estão Nando, Ana, Charles, Pienica, Leo e nesse momento talvez também Vicky já vai estar lá depois do Machon.

Paralelamente, o país também passou pelo mesmo processo que passei (que modéstia...). Cheguei a um país totalmente convulsionado, e realmente distinto ao que abandonei a três meses e meio. Um Rosh Memshala (Primeiro Ministro) que faz muito mas que cala a boca e isso dá lugar a que a voz da oposição seja escutada mais fortemente, mesmo não sendo maioria. A crise na Coalicão que esteve a ponto de dissolver-se com a probabilidade de novas eleições e outras tantas especulações assombrosas..., a crise produzida a instâncias do conflito Meretz - Shas, crise que ainda não se solucionou, e na qual o Meretz, e na sua frente o Ministro de Educação Yossi Sarid, não estão dispostos a fazer pactos com um partido político que o único que busca é cada vez poder absorber mais dinheiro do povo para poder assim agrandar sua rede de lavagem cerebral (eles a chamam de "rede de educação"). E para fechar o quadro um Presidente, herói de guerra e figura pública que perdeu o respeito e o "kavod" (honra) frente ao povo, um Ministro de Transportes e figura principal de um partido com 6 mandatos na Knesset que renunciou após ter sido acusado por 3 mulheres de abuso sexual e a chegada do Olé número um milhão da Ex-URSS (o que já é um tema de discussão a parte, e sobre o qual prometo escrever outro artigo). Frente tudo isso vem a salvação. Um governo com uma pessoa a frente, Ehud Barak, que tem demonstrado ser a pessoa mais capaz de levar pra frente a este país depois de Ben-

Gurion e Rabin. Em silêncio, quase em segredo, sem criar pânico, sem especular, em seu cargo frente ao Tzahal, realizou uma das operações mais exitosas de sua história. Em 48 horas, o Tzahal abandonou o Líbano pondo fim a 18 anos de violação da Soberania Libanesa (por causas de segurança justificadas, mas que não deixa de ser uma violação à soberania de outro país, o que, além do mais, colocava Israel no papel de "mal do filme" frente aos olhos do mundo). Em somente 48 horas, terminaram 18 anos de uma Faixa de Segurança que jamais serviu para deter sequer um "katiusha" dos grupos terroristas Hizbola e Amal que se ocultam dentro da população do sul do Líbano desde o famoso "setembro negro". Uma Faixa de Segurança que custou mais de 1000 vidas de soldados, ou seja, crianças de 18, 19 ou 20 anos, não mais que isso. 48 horas durante as quais a Faixa de Segurança foi eliminada sem um ferido sequer nas filas de nosso exército e que, ao fim delas, foram absorvidas em Israel pelo nosso governo 5.000 pessoas no total, libaneses shiitas e católicos que integravam o Tzahal (Exército do Sul do Líbano) que lutaram ombro a ombro com o Tzahal por quase 20 anos e suas famílias. Em 48 horas Barak passou o peso ao governo Libanes e ao governo Sírio. Ao nos retirar e não violar a soberania libanesa, o primeiro "katiusha" que caía em solo israelense disparada pelo Hizbola, vindo do Líbano, será uma agressão dos governos Libanes e Sírio, situação na que Israel pode usar seu direito a auto-defesa. Isso põe a Assad e a todos aqueles que apoiam ao Hizbola (Líbano e Irã) em "cheque mate": ou freiam as atividades terroristas de um grupo de fanáticos que dirigido por eles mesmos ou enfrentam possivelmente uma guerra contra Israel, que depois de 52 anos e 5 guerras já demonstrou ter o exército mais poderoso do Oriente Médio, enfrentando a várias nações ao mesmo tempo e sempre saindo (com mais ou menos vidas perdidas) vitorioso, defendendo o direito de nosso povo a ter um país em sua terra histórica. O que esperamos agora é o próximo passo a dar,

seja o que se enfoque definitivamente ao tema palestino, com a entrega de Abu-Dis e a consolidação de um acordo que leve à devolução dos territórios que nosso exército conquistou na guerra dos 6 dias. Neste ponto é importante dizer que as negociações são levadas a cabo por Shlomo Ben-Ami como representante de Israel, uma pessoa de comprovada capacidade e de trajetória reconhecida no âmbito político israelense, pertencente ao partido Israel Achat.

Só me falta dizer ATÉ LOGO, muita sorte, e até a próxima carta!!!!

Chazak Ve'ematz,



Agada... uma lenda

Miriam Alboukrek
Dor Jadash

Estou muito emocionado!!, Amanhã saímos pra machané, é a primeira machané que fazemos com outras tnuot desde faz muito tempo, e o melhor é que estas tnuot são Hashomer Hatzair e Beyajad de Monterrey e além do mais, vai vir gente do shomer da Venezuela, que boa oportunidade de conhecer gente nova, fora que meus madrichim dizem que o lugar é incrível.

Já chegamos ao balneário "Apotla", temos que passar todas nossas coisas pela "alfandega" para poder entrar no terreno, se supõe que estamos

emigrando ilegalmente como os maapilim. Comemos e os madrichim nos dividem em grupos de nossa idade com chanichim das três tnuot, estes grupos se chamam chavurot. Minha chavurá é a melhor, tenho dois madrichim do Dor, um de Beyajad e dois do Shomer: um mexicano e outro venezuelano.

Assim como meus madrichim disseram o lugar é incrível, na primeira peulá nos mostraram, muitas piscinas, um rio enorme e uma cascada muito bonita. Por mais que já estou cansado não quero dormir porque esta noite é o ataque.

Cada manhã nos acordavam muito cedo, às 7:00, para fazer itamlut boker, depois tomávamos café, omeletes, nos primeros dias tudo bem mas depois todos nos cansamos de comer sempre a mesma coisa.

As peulot da manhã eram para todos e convivíamos com as crianças e com os mais grandes por isso quase sempre eram as mais divertidas, mas o mais divertido de todo era a "shaá retuva", um pouco antes da comida, quando faz mais calor, íamos nadar todos juntos na piscina e brincávamos.

Eu gostei muito das peulot por chavurá, porque eram muito originais, creio que isso era porque os madrichim eram de distintas tnuot, sempre havia algum jogo novo.

Depois de jantar tínhamos peulot noturnas para todos, incríveis, nos

vestíamos com roupa escura e a que eu gostei mais foi "raio da morte", tínhamos que entrar em um círculo no meio do bosque sem que te iluminassem com lanternas, poucos fomos os que conseguiram, foi super difícil.

Chovia muito de noite, uma das peulot não pode ser feita porque uma noite houve um dilúvio, se inundo todo o terreno e o hangar (cabana grande) dos madrichim, pobres madrichim!, estavam empapados levando-nos a um kiosque para proteger-nos da chuva e nos trazendo suéters porque tínhamos frio, o único divertido foi que os venezuelanos começaram a dançar, cantar e contar piadas para nos divertir até que poderíamos regressar ao terreno.

Nas outras noites haviam ataques, mas não conseguiram roubar o deguel nem uma vez, nem os ex-bogrim, nem outra tnuá, mas claro: como íam poder se éramos 130 pessoas?

A última noite foi o mifkad esh onde entregaram anivot e queimaram degalim entre outras coisas, foi muito bonito, fizeram os simanim das três tnuot e uma escrita de despedida a nosso sheliach Moishe Siel, tudo pegando fogo. Depois foi a messibá de encerramento da machané, a única coisa chata era que muitas pessoas já estavam cansadas e outras doentes de estômago, pobre David, o paramédico!, no último dia havia tanta gente doente de estômago que o estava enlouquecendo.

No dia seguinte levantamos a

Escreva para o Kol Hashomer

no nosso próximo número

"Achshará: Pra que?"

Este será o tema central da próxima edição, escreva sua opinião, suas experiências e comentários.
kolhashomer@beyajad.com



machané, ganhamos camisetas e tiramos a foto final, estávamos um pouco tristes porque acabava a machané e íamos deixar de ver a muita gente, os de Monterrey e da Venezuela, vou ter muitas saudades deles.

Nesta machané conhecemos as três tnuot irmãs da família shomrica do México, em que parecemos e somos diferentes, aprendemos muitas coisas que nos identificam como tnuot. O objetivo que melhor se cumpriu foi que nos conhecemos e convivemos juntos, agora conhecemos o que realmente nos une e creio que isso foi o mais importante, gostei muito de ir a esta machané e conhecer as pessoas que conheci, que agora são meus amigos.

To morrendo de vontade de ir de novo a machané e, dezembro.

A machané AGADA foi uma experiência inesquecível, foi uma lenda...

Am Israel Chai

Chazak Ve'ematz

Beyajad Achshav, Beyajad tamid.



Kenes Hanhagot 2000

Renato Huarte
Hashomer Hatzair, México

De 16 a 22 de agosto nos reunimos em Israel representantes de quase todos os kenim do Hashomer Hatzair e tnuot afiliadas para o que chamamos de Kenes Hanhagot. Para que não esqueça, nomearei aos kenim presentes por continentes: Estados Unidos (Nova Iorque e Nova Jérsei), México,

em baixo na esquerda

jks

Ser original é, de certo modo, pôr em manifesto a mediocridade dos outros.

Ernesto Sábato

Venezuela (Caracas), Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), Argentina (Buenos Aires), Uruguai (Montevideo), Chile (Santiago), Austrália (Melbourne), França (Paris), Suíça (Zurique), Itália (Roma e Milão), Bulgária (Sofia), Hungria (Budapeste) e Bielo-Rússia (Minsk). Por motivo de força maior representantes de alguns kenim e tnuot afiliadas não puderam estar presentes.

Algumas pessoas já havíamos participado do Seminário Brit Olamit do Meretz, que esteve muito bom, mas não vou me ater a isso. Começamos o Kenes com a atividade Rapsódia junto com o pessoal do Hashomer Hatzair de programas como shnat hachshara e outros. Essa atividade, que se realiza a cada ano, consiste em construir em grupos umas balsas com barris e troncos de madeira e cruzar ao Kineret, assim como faz a tnuá em Israel. A pesar que em nosso caso, por questões de direção do vento, não conseguimos chegar ao outro lado, mas sim, retornar ao mesmo lugar, foi uma forma muito boa de começar o encontro da tnuá mundial. Quando terminamos, começou o que se denominou "Segunda Rapsódia". A partir de então começávamos a construir as expectativas, projetos e o caminho que tomaria cada Ken e é claro, a tnuá como um todo.

Depois de vários dias de peulot em Macabim, chegou a tão esperado bate-papo com Celso Gravitz, novo mazkir mundial do Hashomer Hatzair. (Acaba justamente de substituir a Shlomo Margalit – Shlomo, toda al hakol). Celso se ateve no ponto que acredito que todos os participantes estávamos esperando. Após haver aprendido sobre dinâmicas de grupo, métodos de pensar, análise do kibutz, elaborar projetos, chegamos ao ponto de onde começamos a perguntar o rumo que deve tomar Hashomer Hatzair em pleno ano 2000, quase por entrar ao século XXI.

O sionismo tem sofrido mudanças, o socialismo não é o que era há apenas 12 anos e nem falar de há mais tempo, o kibutz está passando por uma época de mudanças e os diferentes kenim ao redor do mundo concordamos em

que não nos fica claro qual a trajetória que devemos seguir. Revisamos quais eram os pilares básicos da tnuá e todos lembramos que eram: sionismo, socialismo, humanismo e judaísmo laico. O problema aparecia quando se definia o que era, por exemplo, o sionismo em cada Ken. Sionismo para um Ken era alia, para outro era ver a Israel como um fator central em nossas vidas e para outro, era educar orientando a Israel para que os chanichim tenham a opção de fazer aliah ou seguir educando igual. De forma alguma era o mesmo. Celso concordou que todas as formas eram Hashomer Hatzair. O ponto básico era respeitar as posturas de outros com bases claras e em comum.

O que ficou mais evidente, no meu modo de ver, é a forma de trabalho que cada Ken deve adotar. Antes, em muitos kenim o trabalho e as idéias de Hashomer Hatzair eram unicamente para os shomrim "e o mundo podia cair". Insistiu em que era muito importante o trabalho em círculos em torno do Hashomer Hatzair na comunidade, no país e no mundo. Se por exemplo, Hashomer Hatzair apóia a paz, tem que entrar em contato com associações que apóiem a paz, tais como, Anistia Internacional, além de somente Shalom Achshav. E assim em outros assuntos. Criar círculos de contato para poder influenciar para fora, obviamente sem esquecermos do trabalho para nossos shomrim. Sua conversa não nos aclarou as coisas, nos fez ter mais perguntas sobre a ideologia da tnuá.

Hoje em dia, acredito eu, todos os que participamos deste Kenes temos a missão de chegar a nossos kenim e começar a analisa-lo como cada Ken, cada região e como tnuá mundial para que nós sejamos os que nos aclaremos a nós mesmos para onde vamos. É algo importantíssimo que nos fazia falta.

Além de tudo, nos tempos livres, tivemos uma reunião da Mazkirut Latinoamericana do Hashomer Hatzair e Luciana "Lula" Grosman foi eleita como mazkirá substituindo a Cláudio Frydman, tendo como principal projeto (que não único) a Shomriá do verão de

2001.

A tnuá está honrando seu nome, tnuá = movimento. Nos fica muito ainda por fazer e estou certo que não nos vai ser tão fácil, mas por isso temos que ter: CHAZAK VE'EMATZ.



Quando eu deixar

*Yafa Negrete
Hashomer Hatzair, México*

Hoje venho me despedir do México, por um ano vou estar longe daqui, voltarei pra lá onde me receberão outros novos braços, outros sorrisos, outro idioma, realizo um vôo para um ano cheio de vivências e coisas que me vão fazer crescer, e que vão fazer crescer o carinho que tenho por todos vocês.

Levo na mala "chiles" (pimenta) enlatados, doces picantes, cores mexicanas e fotografias das pessoas a quem mais aprecio. Levo no coração, aquele que carrego não importa onde, todas essas coisas e seus braços, sorrisos, palavras e momentos que tanto espaço têm ocupado. Tenho fotografias do shomer, da

escada, do pátio, todos os chedarim, os mifkadim, as juntas de madrichim, os pijamas com tudo e ataques, a pintura, o parque do relógio, a montanha e a tendita. Levo as barracas, as mudanças, as piscinas, o torem, a grama, as árvores, o cheder haochel, o onibus, as cabaninhas das chavayot, as mesibot, as anivot, as tochniot e cadernos de juntas. A primeira vez que cruzei aquela porta negra sem saber exatamente a que lugar tinha entrado e alguns braços me receberam, e todas as outras vezes que entrei para diferentes coisas. Levo na minha maneira de ser, já no meu passado e também no meu futuro, o shomer. Os levo comigo na minha viagem para lá, para ter eles presentes em cada passo que vou dar, para dizer a mim mesma que devo fazer meu melhor esforço por vocês, por mim, por nós.

Agora imediatamente vou, encontrarei muitas coisas novas, estou nervosa, sim, e também emocionada, mas logo aparece um parque na minha frente com chanichim nele e me tranquilizo ao saber que vocês estão comigo, também palavras de alguém que já foi, que me dizem que esta experiência será inesquecível.



A realidade dos povos

*Maayan Feldman
Hashomer Hatzair, México*

"Todo gigante morre cansado de devorar os de abaixo"

Luis Alberto Spinetta

O povo estava sendo degolado, carcomido pelas cicatrizes do tempo. Sim, com as mesmas correntes que nunca deixaram de aperta-lo... Não o permite respirar, always (¡ouch!) com uma cadeira ameaçante sob seus pés, cuidado, vai cair! E o povo se cai rendido embaixo do mastro que rí como um grande jogador de poker quando dá tudo de si frente sua melhor jogada.

Aquela corrente sempre estava vigiando-la com seus fortes olhos de ferro, observando qualquer movimento suspeito: era impossível lutar contra esse enxame insatisfeito.

Sempre queria mais uma pessoa, mais um povo, mais um povo.

Anuncio Local de tu Ken

Mas um dia se cansou de ficar quieto olhando para baixo, de ocupar-se em martirizar os povos que já não eram mais que palavras, rostos, ruas e olhares cabisbaixos.

Foi por isso que, ao deixa-los respirar e recuperar o que foi perdido, se deu conta que já não tinha nada e que sua liberdade não existia nesse mundo de globos circulares e de pessoas caminhantes.



Se nós pensarmos

*Daniel Negrete
Hashomer Hatzair México*

Nestes dias em nossa comunidade, principalmente na Cidade do México, estamos nos separando por coisas como de que comunidade você é e se você tem ou não dinheiro. Não percebemos que estamos nos discriminando entre nós mesmos, não vemos que cada dia nos distanciamos mais e promovemos a assimilação e o ódio. O que vai acontecer depois quando necessitarmos um ao outro?, estaremos aí?. Devemos refletir.

Não é sempre assim, pois quando vemos algum paisano em lugares nos quais normalmente não estariam nos alegramos, seguimos sendo uma família. A machané AGADA pode ser um exemplo, nos encontramos como nunca antes havíamos feito, e o que mais se viu, talvez muito mais que as peulot, foi a união e o gosto de conviver com mais paisanos.

Levamos uma boa lembrança deste ano, levamos experiências, amigos, conhecemos diferentes formas de pensar, levamos a lembrança que talvez pode ser uma marca importante para toda a vida. Depois da machané, nem tudo fica ali, começamos a ligar uns pros outros e desenvolver uma nova relação.

Agora podemos dizer que a machané AGADA foi um sucesso porque chegamos a nosso objetivo, a união de nossa família, da família Shômrica. Atividades

como esta demonstram como apesar de algumas diferenças podemos chegar a conviver como uma comunidade. Lembremos que somos todos judeus e devemos deixar de lado as diferenças, sejam ideológicas, sociais ou religiosas, para que assim, juntos, enfrentemos o que nos espera o futuro.

Chazak Ve'ematz



“Na Argentina não fazem falta nem golpes nem revoluções, mas ordenamento”.

Golpe de Estado

*Florencia
Hashomer Hatzair, Argentina*

Uma contradição se observava nos jornais da época, o Golpe era tão óbvio que todos o negavam.

Os jornais daquele mês de março de 1976, oferecem informação valiosa mesmo que paradoxal, já que falam, por um lado, de como as forças políticas buscavam solucionar a crise existente, junto a impossibilidade de uma nova toma do poder por parte das Forças Armadas. Contrapõe-se a isso, as pessoas e as figuras políticas do país e do exterior aludiam a um próximo e inevitável Golpe Militar.

Esta contradição pode ser exemplificada citando alguns artigos dos jornais do momento:

Um dos titulares do jornal “La Opinión” do dia 17 de março de 1976, a sete dias do Golpe dizia: “Deheza afirmou que não vai haver golpe”, este titular expressava como o ministro de defesa, Doctor José Deheza, havia afirmado aos inquietos presidentes dos blocos políticos da Câmara de Deputados da Nação que “... não há perspectivas de um golpe de Estado.”. Para justificar esta afirmação o ministro de defesa relatou aos Deputados uma recente conversa com o Tenente-General Jorge Rafael Videla, na qual este afirmava que “as Forças Armadas não têm vocação golpista e que somente

entrariam em ação em caso de que se produza um caos generalizado ou um vácuo de poder”, o Tenente-General finaliza com a seguinte metáfora: “Meu relógio está parado”. Esta metáfora foi utilizada em várias ocasiões por jornais de todo o mundo e em seu momento o presidente do bloque radical, Antonio Tróccoli, manifestou que o governo deveria ratificar rombos e tomar as medidas indispensáveis ou “Senão, o relógio do senhor comandante vai começar a funcionar”.

Enquanto “La Prensa” negava a probabilidade de um golpe Militar, publicava, sete dias antes do golpe, notícias contraditórias como uma em que o Tenente General Videla havia suspenso uma viagem, anunciada dias antes, pelo interior do país. E havia convocado a uma sessão de generalato para impartir instruções às altas hierarquias sem a necessidade de deixar a capital da Nação.

Na noite de 19 de março de 1976, o porta-voz do comando geral das Forças Armadas afirmava a imprensa que “Na Argentina não fazem falta nem golpes nem revoluções, mas ordenamento”.

Sem dúvida, segundo a imprensa da época, noventa por cento dos argentinos, falava de um golpe de Estado a quatro dias do que finalmente aconteceu.

Nos perguntamos até que ponto, durante as democracias, o poder político era do povo e não das Forças Armadas, já que esses manipulavam a informação dos meios massivos de comunicação, até os mais extremistas.



Cliché e a arte da cinematografia enxaguada

(Primeira de não sei quantas partes vou conseguir)

Joseph Levinson

Ex Boguer Beyajad, México

“Cácaro”

-Ditado Popular

Não tem telão, mas sim sobe a intensidade de luz que nos desperta fotoquimicamente de um tranze que coopera com os créditos finais, em geral brancos em uma tela negra, subindo lentamente (mas ninguém consegue ler todos).¹ Se rompe o laço de concentração platônica em um mundo de sombras, nos regressam ao comentário definitivo, o julgamento que tende a compartilhar-se com o acompanhante. Aceleração obrigada: “La movió la moova”, “que bosta de filme!”, “está bom? não?”, “não o entendi”, “tem muito simbolismo” (essa é a melhor!) entre muitas outras determinações estudadas e críticas. Especialistas sempre. E ainda assim não consigo me conformar com o ventríloco retirado, o boneco guardado para a apresentação das 11. Não posso resignar-me a um “show must go on” quando não me convence o seu final! Já me deixaram cego com as luzes da sala e não consegui ler todos os créditos; meu grito interno: quero mais! Quero a verdade! (I know, I know, can't handle it... mas) O sentido comum se termina

na hora de fazer um final?² A cidade está destruída! Vimos como mataram a todos esses extras, entra em vigor alguma lei quando em frente ao fogo noturno nosso héroi festeja seu triunfo, desfilando sobre os escombros da Babilônia submersa em pó?³ Onde estão as autoridades e o julgamento de valor contra a negligência de salvar um grupo distinto de pessoas (ou as vezes só uma) a custa de uma tragédia que decidimos ignorar com um bom score musical? Exemplos sobram. E as sirenes de polícia justamente quando o protagonista mata o assassino em defesa própria? Nós presenciamos a verdade, mas por que a polícia deve conhecer-la quando o único que se vê é um morto no chão e um (aparentemente) claro caso de homicídio caseiro?⁴ Nem sequer com a evidência em luzes de neon o protagonista estaria ausente de ser preso. Podemos começar a somar tempo, dinheiro e esforço quando se resbala a fiança, o advogado, e um julgamento para determinar a defesa própria, que nem sempre é fácil de se comprovar. Que nos sobra?⁵ O final com um beijo prolongado? Também este final fracassa em sua tentativa de eterna felicidade, happily ever after.⁶ Mas de que estou me queixando? Igualmente sei disso por algum motivo.

1. No Alaska existem compições de leitura rápida em créditos cinematográficos desde 1991.

2. Ah, a comodidade de generalizar ...

3. Exagerar é excelente!

4. Se desculpa minha ignorância em terminologías penais.

5. Um bom filme para mim seria a que começa com o final de outra que deixou muitos buracos racionais a interpretar.

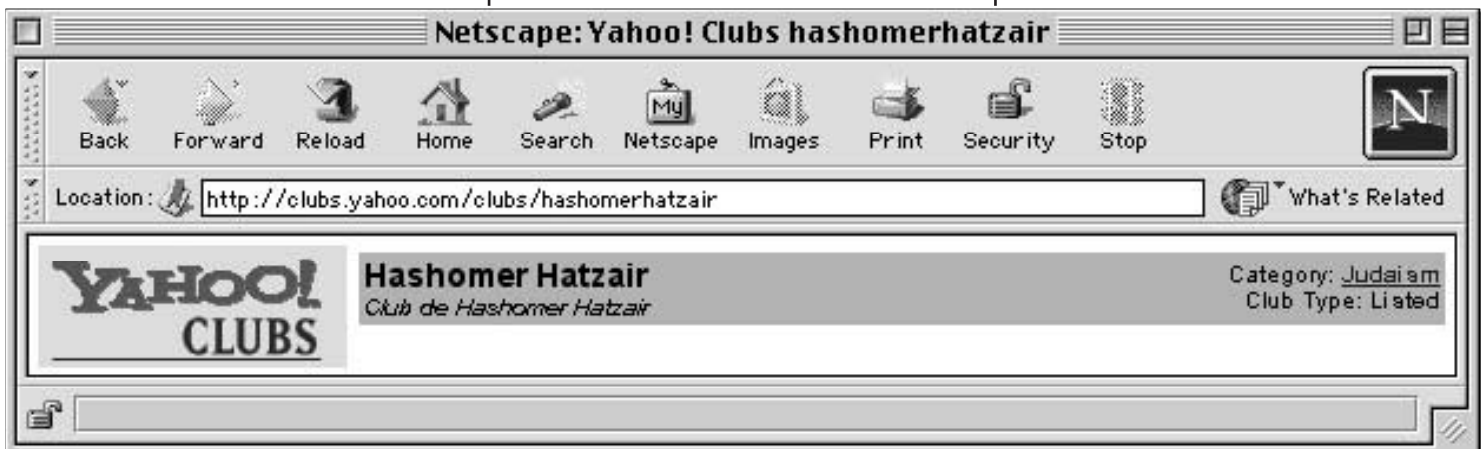
6. Do Código Civil para o Distrito Federal:

Art.162- Os cônjuges estão obrigados a contribuir, cada um por sua parte, aos fins do matrimônio e a socorrer-se mutuamente.

Art.163- Os cônjuges viverão juntos no domicílio conjugal.

Art.164- Os cônjuges contribuirão economicamente a sustentação do lar ... Os direitos e as obrigações que nascem do matrimônio serão sempre iguais para os cônjuges ...

Art.172- O marido e a mulher, maiores de idade, têm capacidade para ... exercer as ações e opor as exceções correspondentes a elas, sem que para tal objeto necessite o esposo do consentimento da esposa, e vice-versa ...



“Por você não estar
Demasiado grande
Seria o bosque”

Kobayashi Issa

